

IMPLICAÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DO EMPREENDIMENTO SAUSSURIANO NA FORMAÇÃO DA CIÊNCIA DA LINGUAGEM

EPISTEMOLOGICAL IMPLICATIONS OF SAUSSURE'S EFFORTS IN THE FORMATION
OF THE SCIENCE OF LANGUAGE

Naama Medeiros Silva* (ILEEL/UFU)

RESUMO: O presente artigo busca tecer considerações a respeito da constituição da Linguística enquanto ciência moderna ("da linguagem"), no contexto de seu momento histórico, considerando a inserção do projeto saussuriano em um contexto específico de produção de saber, os estudos linguísticos, com decorrentes implicações e delimitações. Consideramos na discussão, a noção koyreana de ciência moderna, bem como a apreciação das anterioridades teóricas em linguística por Pêcheux, assim como o que representava para Saussure toda sua proposição/elaboração teórica. Consideramos a paternidade saussuriana na fundação de uma ciência da linguagem, apontando as várias decorrências de seu projeto em curso, tomando, na discussão, o *Curso de Linguística Geral*, de modo especial.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Ciência Moderna. Empreendimento Saussuriano.

ABSTRACT: This article aims to make observations regarding the formation of modern linguistics as a science (the "science of the language"), in the context of their historical moment, considering the insertion of the Saussurean project in a specific context of knowledge production, the language studies, with resulting implications and limitations. We consider the Koyré's notion of modern science, the critique of previous theoretical linguistics in the Pêcheux and what meant to Saussure all of the him proposition/theoretical elaboration. We approach the Saussurean paternity in the foundation of a science of language, pointing out the various implications of him ongoing project, considering the *Course of General Linguistics* in the present critical appraisal.

KEYWORDS: Linguistics. Modern Science. Saussurean Project.

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos do Instituto de Letras e Linguística, Mestrado em Linguística da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: naama_silva@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

Se podemos dizer-nos linguistas da(s várias) forma(s) como nos dizemos hoje, isso se dá porque o “*Pai da Linguística Moderna*” nomeou-nos assim, com todas as *leis* que nos interdita, que podam e delimitam nosso *desejo* (vejam-se sustentações de Lacan). Não fazemos mais Gramática Comparativa como antes de Saussure em vários momentos, pois crescemos demais pra voltar a brinquedos antigos¹. Não buscamos mais como antes a língua-mãe, quando um *pai* pode oferecer filiação suficiente, às vezes. Menos ainda, fazemos Filologia ou Gramática grega. Um lugar intra-linguístico foi proposto, e é a partir deste que falamos hoje.

Mas o que faz de um pensador o *pai* de uma ciência? Quais as condições que viabilizam e legitimam uma paternidade epistemológica? No contexto histórico do surgimento da linguística saussureana, questões como essas apareciam de forma importante em dizeres vários do mestre genebrino, seja em suas cartas, nos manuscritos ou no(s) *Cours de Linguistique Generale* (e sua edição, o CLG²).

No presente artigo – mais aos moldes de um ensaio, ou um conjunto de apontamentos –, busca-se discutir/refletir, a partir de um referencial teórico estrito e específico, a relação do pensador Saussure-cientista (e também sujeito – mesmo epistemológico, que seja –, como não?) com um saber particular, que se institui, problemático e fundante, em fins do século XIX e início do século XX.

Considerando ambientes e situações de aprendizado/produção de saber tais como as aulas acadêmicas de *Introdução aos Estudos Linguísticos* (“disciplina de graduação”, recorrentemente, com todas implicações educacionais disso), bem como a *Linguística como ciência* que acontece nos lugares de *produção* legitimada de saber, esse texto busca possibilitar *notes* para produção/fomento de discussões concernentes ao saber em relação à linguagem, algo tão próximo, mas tão distante de nós como ponto de compreensão de o que somos e em que implica nossa existência como seres que conseguem *ver a si* no *vir-a-ser* intermitente dessa existência. Nessa direção, se posta o presente texto.

¹ Mesmo que estes ainda cumpram seu papel de forma necessária e suficientemente eficiente em lugares específicos, ou se apresentem hoje como máquinarias que superaram o “lúdico”/infantil historicamente possível.

² Usaremos a sigla CLG para nos referirmos à edição brasileira do *Cours* consultada para o presente trabalho: SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

1 FAZER CIÊNCIA, FAZER LINGUÍSTICA: DO PENSAMENTO MEDIEVAL PARA A CIÊNCIA MODERNA

Fazer ciência implica a (re)invenção de modos de olhar/produzir objetos do mundo que nos inscreve. Mesmo o que se entende por ciência transforma-se no decorrer do tempo. A esse respeito, Koyré (1991) analisa proposições crombianas que acercam a ciência moderna e sua anterioridade histórica, refletindo sobre o status da ciência enquanto *evolução e/ou revolução*, especificamente considerando a passagem da ciência medieval para a ciência moderna. Koyré aponta que Crombie apresenta a ciência moderna, em seus aspectos fundamentais, como uma “invenção medieval” (KOYRÉ, 1991, p. 57). Isso se dá, em Crombie (1953 apud KOYRÉ, 1991, p. 58) quando “[...] uma teoria sistemática da ciência experimental já era compreendida e aplicada por um número de filósofos suficiente para produzir a revolução metodológica à qual a ciência moderna deve a sua origem”. Os “ganhos” da modernidade em relação às condições e processos de produção do conhecimento da ciência seriam, nesse sentido, “progressos alcançados em procedimentos já conhecidos” (idem, p. 59). Sustenta-se, nessa perspectiva, a ideia de que há uma *continuidade* no desenvolvimento do pensamento científico do século XIII ao século XVII a partir de um entendimento particular da metodologia (estritamente vinculada à *experimentação*) na constituição e transformação da ciência.

Assim, as bases da ciência modernas estariam lançadas em aspectos como a lógica indutiva, a raciocínio dedutivo, a verificação experimental, por exemplo, já na Era Medieval. Haveria um movimento da teoria para a *práxis*, para o interesse prático, na passagem de uma ciência a outra, algo do qual Koyré discorda (cf. op. cit., p. 67 e 68). O autor aponta, por exemplo, o lugar de instâncias diversas entre si como a ótica e a física, pontuando o não-necessário desenvolvimento de uma forma de saber (medieval) em dependência ou decorrência da outra (moderna).

Ponto importante para a presente discussão, Koyré (1991, p. 72-73) diz: “O positivismo é filho do fracasso e da renúncia”, sendo concebido e desenvolvido pelos filósofos gregos que “[...] tendo elaborado e aperfeiçoado o método do pensamento científico, [...] acharam-se diante da incapacidade de penetrar o mistério dos verdadeiros movimentos dos corpos celestes”. Tem-se aqui o entendimento de um “positivismo em sua pior acepção” (idem). É nesse mesmo sentido que Koyré defende, mesmo a partir do que foi escrito (mas não assim dito) por Crombie:

o empirismo puro – e mesmo a “filosofia experimental” – não conduz a parte alguma. E não é renunciando ao objetivo aparentemente inacessível e inútil do conhecimento real, mas pelo contrário, é perseguindo-o com ousadia

que a ciência progride na via infinita que leva à verdade (KOYRÉ, 1991, p. 77).

No tocante à relação teoria-experiência, Koyré (1991, p. 77) aponta, contrariando a perspectiva crombiana: “Por conseguinte, a história dessa progressão [defesa de Crombie para revolução científica de Koyré] da ciência moderna deveria ser dedicada a seu aspecto *teórico*, pelo menos tanto quanto a seu aspecto *experimental*”. Koyré vai além no entendimento dessa relação: “[...] como já afirmei, e como bem o expõe a história da lógica das ciências contada por Crombie, não só o primeiro está estreitamente ligado ao último, mas ele domina e determina sua estrutura” (idem).

Na questão “evolução” *versus* “revolução” para a passagem da ciência medieval para a moderna, Koyré sintetiza brilhantemente:

as grandes revoluções científicas do século XX, tanto quanto as do século XVII ou do século XIX, embora naturalmente assentadas em fatos novos – ou na impossibilidade de verificá-los – são fundamentalmente revoluções *teóricas*, cujo resultado não foi a melhoria da conexão entre elas [as revoluções] e os “dados da experiência”, mas a aquisição de uma nova concepção da realidade profunda subjacente àqueles ‘dados’.

Sustenhamos esses posicionamentos por ora.

2 FAZER LINGUÍSTICA, FAZER CIÊNCIA: A INSCRIÇÃO DA LINGUÍSTICA EMERGENTE NA EPISTEMOLOGIA MODERNA

Delineando-se um percurso na “história da linguística”, tem-se, no CLG que “a ciência que se constituiu *em torno dos fatos da língua* passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu *verdadeiro e único objeto*” (CLG, 2001, p. 7, grifos nossos). Assim sendo, resulta: os “fatos da língua” implicam uma ordem de mediação da percepção e vivência que é particular da existência. A partir principalmente das quase-“misteriosas” vivências dos três *Cours* e, em quatro anos (isso se não se contam as várias interações teóricas de Saussure com outrem, bem como não se contam o tempo e relações anteriores e posteriores ao período dos cursos – os um ano e pouco entre o fim do 3º dos *Cours* e a morte do pensador genebrino), e para os privilegiados alunos matriculados nos *Cours*, define-se que uma nova abordagem dessas fatos é necessária. Um “verdadeiro e único objeto” é buscado, então.

Objetivo necessário, mas complexo: o que Salum diz em “[...] hoje não se pode deixar de reconhecer que o *Cours* levanta uma série intérmina de problemas” (CLG, p. XVI) vai além do que disse no momento e possibilita entender o valor do objetivo a que se propõe Saussure nos três *Cours* e os editores no CLG: instituir uma “ciência da linguagem”. Para

além de ser recebido de “segunda mão”, como Cristo (Salum diz), Saussure – mesmo e novamente como Cristo – questiona, problematiza, quando acerca os fatos de linguagem. Isso se dá em vários momentos e, de especial modo, quando, nos capítulos II e II do CLG Saussure via editores problematiza o *real* (quase que inatingível) do *linguístico*, algo fundamental na constituição/fundação de uma “ciência da linguagem”. Se as ciências naturais – pelo menos à vista primeira – encontram mais facilmente sua “unidade”, seu fato científico, em relação à linguagem isso não se dá tão facilmente. Daí, para além da acepção de “problema” de Salum, apresenta-se um caráter fundamental, estruturante da produção teórica saussuriana: a elaboração. A produção *em processo*, em função da problematicidade (inerente?) de seu objeto.

Assim sendo, como constituir uma ciência moderna (no alto do fim do século XIX) que desse conta da linguagem? Admitindo que não foram superados (pelo menos como são superados alguns conhecimentos em ciência biológica, por exemplo) – mesmo por não haver razões para tal, retomando a perspectiva de Koyré do item anterior –, seja repensada – não os problemas apresentados no CLG (como quer com razão Salum em seu Prefácio) – a problematicidade da proposição saussureana como uma nova ciência.

Afastando-se dos gregos com sua Gramática e Filologia, e mesmo considerando a distância dos estudos comparatistas contemporâneos a Saussure que propõe o CLG (mesmo considerando que, em um momento – pelo menos – o “Saussure dos rascunhos/notas/manuscritos” é fruto da interdição que sua própria elaboração teórica, *Paternal*, faz incidir no “Saussure que escreve em carta sobre o prazer de fazer Gramática Comparativa”), a linguística que emerge pós-linguística indo-europeia e (com tudo que isso representa – cf. CLG, 2001, p. 11) romanista quer-se mais que “conjecturas”, quer-se *intra*, quer-se “linguística da língua”, esse é o foco.

Em relação à via entre teoria e experimento, algo fundamental para uma ciência moderna, tem-se outra complicação: como acessar o *concreto* do fato linguístico? O que seria realidade linguística? Não seria a materialidade pura do “traje do adeleiro”, tão menos o cavalo do jogo de xadrez não “faria corpo” com o objeto “cavalo do jogo de xadrez”. A concretude existiria, mas não seria imediatamente apreensível, como (mais ou menos pacificamente) diz Saussure via editores sobre o objeto das ciências (ditas) naturais. Daí a complicação de sua “matéria e tarefa” (cf. CLG, 2001, p. 13), a “impossibilidade de verificar” em experimentos algo imediato como um objeto epistemológico concreto.

No entanto, a linguística que propõe Saussure não é barrada pela concepção de ciência moderna, tal como a compreende Koyré: diversa do empirismo a que tende Crombie para o entendimento da modernidade da ciência, a relação entre teoria e metodologia que

defende Koyré implica na modulação da metodologia pela teoria, que “domina e determina sua estrutura”. Sendo assim, há uma via determinante nessa relação. É bem possível apreender algo nesse sentido Saussure via edição, quando, em um capítulo dedicado a delimitar atributos constituintes do objeto da ciência da linguagem, tem-se: “[...] as entidades concretas da língua não se apresentam por si mesmas à nossa observação. Mas se procuramos apreendê-las, tomaremos contato com o real”. A partir de uma orientação teórica, de um estabelecimento de quadro teórico, um percurso específico é demandado. Mais à frente, esboça-se, ainda, esteios de como seria organizada essa busca de apreensão do *real*: “seria interessante começar pelas unidades, determiná-las e dar-se conta de sua diversidade [...]” (idem, p. 128). Prossegue-se.

No entanto, haja vista ter-se em mãos um objeto “heteróclito, multifacetado” como a linguagem, optar por bases puramente empíricas seria aceitar a “incapacidade de penetrar o mistério dos verdadeiros fenômenos” dos fatos da língua. Não é isso que acontece na Linguística que, bem aos modos do Saussure que apresenta suas inquietações em cartas e manuscritos, “persegue *com ousadia*, fazendo progredir uma ciência emergente na via infinita que leva à *verdade*” – a realidade linguística, em estado sincrônico, a novidade da proposta, o foco, que importa a Saussure, não o que se apresenta no contexto diacrônico como verdade única, e, ainda, firmada mais tendentemente em uma metodologia – ou concepção de língua(gem) ou uso da língua, acontecimento de língua, fato de língua –, em detrimento da “aquisição de uma nova concepção da realidade profunda subjacente aos ‘dados’”, como quis Saussure.

3 O QUERER DE UM CIENTISTA

A partir de cartas de Saussure abordadas por Starobinsky é possível perceber – em um primeiro momento – “dois Saussures” que abordam a linguagem: o dos *rascunhos*, o do *prazer de fazer linguística comparatista*. Saussure dos *rascunhos*, o pensador genebriano anota as aulas que dará a um público restrito e as descarta. Propõe e re-propõe e refaz, movimentando-se em uma elaboração teórica em processo, que marca um percurso de fundação (cf. SILVEIRA, 2003).

Mas os *pais* que funcionam *nomes* (cf. Lacan), bem naturalmente à figura da “imagem ampliada daqueles que cometem os indivíduos empenhados nas primeiras pesquisas científicas” (CLG, 2001, p. 11), são – incontornavelmente, previsivelmente – um dia *crianças*. Sujeitos do (seu) desejo. Delas são o *Reino*, já se dizia. Assim sendo, chegam mais perto – mesmo que por caminhos a princípio tortuosos, em primeira instância

inadequados ou insuficientes – do que uma ciência moderna (“Reino” que é (d/)tomado por *esforço*) pode produzir enquanto *potencial*. Isso posto, cá está Saussure, explorando por três anos, como *criança* (epistemologicamente curiosa, na busca de re-conceber a “realidade profunda, subjacente”), os anagramas dos poemas clássicos. Cá está Saussure, dizendo, em carta em que relata as razões pelas quais atrasa uma publicação³, do prazer que vivencia na abordagem da linguagem em seu *Memoire sur lês voyelles* (cf. STAROBINSKY, 1974). Sujeito de (seu) desejo.

Mas todo *Pai* de quem é o *Nome* que foi um dia criança, teve exatamente por isso um nome entre si e seu desejo, interditando-o. O Saussure das cartas diz também de como sente a inadequação de tudo que faz em *Memoire...*, linguística pré-Valor, linguística pré-Sincronia. É por isso que sua curiosidade o leva aos *Cours* e, esse, ao CLG.

Mas *fazer Ciência* é também (e quase sempre) fazer *política*. As “pedras” que são movidas de seu lugar são parte da construção do novo, mas descobrem também lugares, modificando paisagens tidas por “naturais”, por vezes. O que implica: é parte do processo de produção do saber científico a *legitimação*, algo que, em vários momentos intercepta e barra Saussure. Fazer ciência é, ao lado de fazer emergir/produzir uma nova “concepção da realidade profunda subjacente”, fazer também política. Isso incide em implicações acadêmicas.

Assim⁴, caberia, nesses termos e considerando a modernização da ciência, perguntar o que significaria(/ava) Saussure dizer de uma Teoria do Valor em meio ao desenvolvimento e legitimação de estudos comparatistas. Assumir uma paternidade implicava muita coisa e, ao que parece, esta foi (ou teve que ser) assumida (/imputada) por vias outras: manuscritos, cartas e, de forma mais imediatamente evidente, a Edição toda do CLG.

Assim sendo, cabe perguntar: que significa nomear Saussure o *Pai*? Que *interdições* são implícitas aí e daí resultantes? De que modo o pensador genebrino (cons/)institui uma *ciência da linguagem* – própria, teoricamente criteriosa? Uma coisa parece certa: investigar o querer do Mestre, na inscrição de sua História, pode indicar muitas respostas.

4 UM LUGAR PARA A LINGÜÍSTICA E OS (ENTRE-)LUGARES DECORRENTES

Se, a partir da ótica histórica, parece relativamente possível situar a “ciência da linguagem” em um campo próprio quando se considera toda a arquitetura teórica

³ De onde se pode perceber muito do motivo pelo qual “o próprio autor, que não teria talvez autorizado a publicação destas páginas [o CLG]” (BALLY; SECHEHAYE, 1915 apud CLG, 2001, p. 4).

⁴ Uma possibilidade de trabalho historiográfico posterior.

possibilitada/instituída no CLG, em face às decorrências dessa “ciência” (como é o caso dos novos saberes em enunciação/discurso), e mesmo em face de posicionamentos que repensam o lugar da linguística moderna (como parece ser o caso declarado de Milner), o empreendimento “saussuriano” (e os editores – vale considerar nisso a pergunta – onde ficam *no* empreendimento?) toma nova configuração.

Pêcheux (1999) aponta no provocativo “Sobre a (dês-)construção das teorias linguísticas”: “tentar pensar a língua como espaço de regras intrinsecamente capazes de jogo, como *jogo sobre as regras*, é supor na língua uma ordem de regra que não é lógica, nem social [...]”. Nesse sentido, se um entre-lugar para abordagens modernas da linguagem se consubstancia no cotejamento do que se tem anteriormente - constituído a partir de Saussure, é na re-apreciação dessa constituição que se encontra um lugar para a linguística proposta por Saussure. Talvez o *destino* que deveria mesmo ter a teorização do mestre genebriano.

Abordando a delimitação da Análise do Discurso – estudo pós-Saussureano da linguagem – Gregolin (2005, p. 99) aponta que, para Pêcheux,

Compreender a história epistemológica da Linguística é uma “urgência teórica” essencial nessa tarefa, pois é por ela que Pêcheux pode desenhar uma paisagem problemática (um embate entre o formalismo e o sociologismo), inserindo a análise do discurso num *entre-lugar* – no coração da incontornável relação entre língua e História.

Talvez um das maiores prerrogativas para a validade do empreendimento saussureano, a despeito das várias contraposições, seria exatamente a produtividade resultante desse esforço. Se a AD encontra um entre-lugar para si, isso se dá a partir da *sincronização* (percepção como fato sincônico) da língua na (e)laboração saussureana. A língua, assim compreendida, delimita um limite que vai inscrever entre si e a História uma abordagem da linguagem como a AD: tal como a sincronização, problemática, mas incontornável e produtiva.

Ainda, se para Pêcheux compreender, acercar de um lugar em constituição a história epistemológica da Linguística seria “urgência teórica”, “essencial nessa tarefa”, de modo similar, no momento histórico da abordagem da linguagem da proposição dos (quase-herméticos, mas produtivos) *Cours*, era também uma “urgência teórica” sincronizar a língua, abordando-a de uma forma nova e com critérios mais rigorosamente estabelecidos. Veja-se, com prova, o modo como é percebido o estudo das questões linguísticas pré-*Cours*: “[...] de fato, toda a gente dela [a linguagem] se ocupa pouco o muito; mas – consequência paradoxal do interesse que suscita – não há domínio onde tenha germinado ideias tão absurdas, preconceitos, miragens, ficções” (CLG, 2001, p. 14).

Isso se dá em razão mesmo de uma característica fundamental da linguagem, já apontada por Saussure – seu domínio heterogêneo. A língua seria um objeto possível de ser considerado a partir de seus vários pontos de vista (CLG, 2001, p. 15). Assim sendo, ao lado de uma demanda por uma ordem própria para a língua, a linguagem assim se posta – multifacetada: paradoxal, diria Pêcheux (1999), dizendo de Benveniste que dizia de Saussure. Por isso das diásporas e das reunificações. Por isso do “corpo atravessado por falhas”, “submisso à irrupção da falta” (Pêcheux, 1999).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entender a constituição da Linguística moderna emergente na proposição de uma “ciência da linguagem” por Saussure passa por compreender todo um quadro que é estabelecido a partir de várias forças e que inscreve a toda elaboração teórica saussuriana. Assim sendo, cabe entender que uma compreensão mais rigorosa de o que representou e representa a fundação da linguística por Saussure passa pelas condições teóricas à época da produção saussuriana, as forças político-acadêmicas em jogo, o querer de um pensador em relação a seus objetos de estudo, assim como a constituição de uma modalidade específica de apreensão do mundo: a ciência moderna.

Dessa forma, a validade de todo o empreendimento saussuriano, bem como a produtividade de seu esforço teórico e epistemológico representam algo a partir também de toda a produção pós-elaboração que se teve a partir de Saussure. Se assim procedido, perceber-se-á que a Linguística saussuriana acontecer da forma como aconteceu abre possibilidades para inúmeros modos de interpretação da linguagem. Sendo assim, o destino de Saussure é mais que cumprido e as ideias do Mestre nunca ficarão sozinhas. No mínimo, estarão acompanhadas de contrapontos altamente produtivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- KOYRÉ, A. Estudos de história do pensamento científico. In: KOYRÉ, A. *O Pensamento Moderno*. Brasília, Universidade de Brasília, 1991. p. 15-21.
- LEITE, N. V. de. *O acontecimento na Estrutura: O Real da língua na teorização sobre o Discurso: a hipótese do inconsciente*. 1993. Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1993.

PÊCHEUX, Michel. Sobre a (Des-)construção das teorias linguísticas. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, Campinas, n. 2, p. 17-32, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de Linguística Geral*. 21. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

SILVEIRA, E. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da linguística*. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <<http://libdigi.unicamp.br/document/?code=vtls000301169>>. Acesso em: 5 jan. 2010.

STAROBINSKI, J. *As palavras sobre as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

Recebido em 30 de março de 2010.

Aceito em 25 de agosto de 2010.